

SARTRE E A FENOMENOLOGIA DA EXPERIÊNCIA ÉTICA: A LITERATURA COMO EXPRESSÃO.

Autores:

Nome: FERNANDA ALT FRÓES GARCIA

Instituição: Psicóloga, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ.

e.mail: fernandaalt@terra.com.br fernanda.alt.fg@gmail.com

Nome: ARIANE P. EWALD

Instituição: Psicóloga, Professora Adjunto e pesquisadora do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ. Doutora em Comunicação e Cultura - ECO/UFRJ.

e.mail: aewald@terra.com.br

Congresso: 1º Congresso Luso-Brasileiro de Fenomenologia

Seção Temática: (3) Fenomenologia e Ética.

RESUMO

Em oposição a qualquer sistema de valores que determina o homem, Sartre postulou através de sua produção literária princípios éticos radicados na liberdade enquanto modo de ser do humano. Com isso, questionou as fontes de alienação em busca de um caminho novo, sem direção definida, aonde o homem situado historicamente tem em suas mãos a responsabilidade de agir frente a um mundo por fazer. A proposta deste trabalho consiste em explorar os traços de uma ética sartriana em seus textos literários representada pelos dilemas que se encontram presentes nas situações vividas pelos personagens, onde estes são obrigados a confrontar a si mesmos e assim expressar a complexidade dos valores que surgem a partir de suas próprias ações. Considerando a produção literária de Sartre como um instrumento privilegiado de expressão de suas idéias filosóficas e políticas, busca-se entender o próprio movimento do filósofo nesta tentativa “impossível”, isto é, a de estabelecer uma ética da ação fundada na liberdade.

Palavras-chave: ética; literatura; valor; liberdade; ações.

ABSTRACT

Sartre and the phenomenology of the ethic experience: literature as an expression. Against any system of values that determinates man Sartre postulated, through his literary production, his ethical principles based in freedom as the human way of being. In that way, he questioned the sources of alienation by looking for a new path without previous directions, where a historically situated man has in his own hands the responsibility of acting in a world that still needs to be built. The purpose of this work is to explore the

outlines of a sartrian ethics in his own literary works represented by the dilemmas that lie within the situations that Sartre's characters are forced to "live" through. By confronting themselves they express the complexity of an ethics based on the values that they affirmed through their own actions. Considering Sartre's literary production as a great instrument of expression of his philosophical and political ideas, it is intended to understand the philosopher's movement in this "impossible" task of establishing an ethics of the action founded in freedom.

Keywords: ethics; literature; value; freedom; actions.

Diante da perspectiva da visão fenomenológica adotada por Sartre, podemos compreender o caráter problemático das proposições que se circunscrevem em torno da questão moral. Isto se deve ao fato da moral sartriana se sustentar justamente na consciência vazia e intencional, na liberdade como modo de ser do humano. Sendo o homem um ser sempre consciente "de" alguma coisa e, principalmente, consciente de ser consciente, ele se constitui pelo modo de ser Para-si, e é justamente neste modo de ser que Sartre procura o entendimento de sua ética. A moralidade surge no momento em que o homem faz algo de si, no movimento contínuo e dialético entre sujeito-objeto, homem-mundo, estabelecendo uma relação de constituição de si mesmo e do mundo. Aí nasce sua ética, neste inacabamento, na angústia da incompletude, cujo caráter é sempre ambíguo e situacional.

Encontramos na sua literatura - apesar da contínua demarcação sobre a ambigüidade de sua obra, uma coerência em relação ao seu fazer filosófico-intelectual, o uso da literatura como instrumento privilegiado para a comunicação de idéias filosóficas e políticas; encontramos ali toda uma ética dispersa nas situações vividas pelos personagens. Por isso, visamos explorar este caráter da ética de Sartre através dos seus textos literários, presentificando, através das situações com as quais seus personagens se confrontam, os princípios que apontam o caminho traçado por ele para esta ética. Mas é preciso lembrar que a literatura não é o outro lado da moeda da filosofia de Sartre, e que ambas as expressões não se encontram apartadas, pois quando separamos a literatura da filosofia sartriana, seja para afirmar que a primeira é uma ilustração prática da segunda ou simplesmente por postulá-las como incomunicantes, estamos desconsiderando uma identidade profunda entre ambas. Segundo Silva (2004), se seguirmos uma linha de pensamento, que demarca uma incomunicabilidade entre as formas de expressão de sua

filosofia, estaremos erroneamente associando a filosofia sartriana ao campo da pura abstração, o que se contrapõe à própria “essência” do pensar fenomenológico que busca compreender o homem e o mundo a partir de sua facticidade. Deste modo, não faz sentido procurar na via literária uma possibilidade de expressar uma “concretude” de conceitos supostamente abstratos, mas sim uma representação de vivências historicamente situadas que expressam a experiência humana singular. O que ocorre então, de acordo com este mesmo autor, é uma **vizinhança comunicante** onde ambas as expressões resguardam suas particularidades, mas se acessam por uma espécie de “via interna” sem mediação exterior. Isso é possível, segundo ele, devido à interligação abstrato-concreto/universal-particular presente na obra sartriana como um todo.

A elaboração dos personagens por Sartre leva em conta essa inter-relação e baseia-se na visão de homem enquanto modo de ser para-si, isto é, um ser que está eternamente em questão para si mesmo. Tal visão pressupõe que tudo aquilo que é apreendido pela consciência vazia e intencional também seja relativo à ela, e portanto, questionável. Isto não quer dizer que a existência do mundo esteja em dúvida como em Descartes, mas sim que o mundo tal qual ele existe para a consciência está impregnado pelo sentido e pelo valor. Desta forma, o valor encontra-se na expressão do ato de um sujeito que se escolhe livremente, ele surge concomitantemente com a ação mediada e constituída pela liberdade. Vários autores (SILVA, 2004; CAMPBELL, 1949; BORNHEIM, 2000) apontam o valor como um conceito chave da visão da ética sartriana; a possibilidade do surgimento do valor na ação se deve a realização da liberdade, e assim a uma criação do homem por si mesmo, que revela um sentido ao manifestar-se em suas escolhas. O que acontece é que a natureza intencional da criação ou simples adoção dos valores é muitas vezes negada por má-fé, ou seja, o homem atribui um caráter absoluto aos valores e se torna inessencial frente à estes a ponto de alienar-se em um sistema moral rígido que construiu para si. Podemos identificar na personagem Lulu do conto *Intimidade*, uma saída deste tipo quando, ao se ver obrigada a tomar decisões, ela tira de si a responsabilidade da ação: “na verdade eu não decidi nada [...] a coisa de decidi por si mesma” (SARTRE, 2005c, p.101) e ainda “Nunca, nunca fazemos o que desejamos, somos sempre induzidos” (p.119).

Segundo Sartre (2005d) o homem é o ser pelo qual o valor vem ao mundo, sendo assim o homem é aquele que revela, aquele que valora os objetos a sua volta, imprimido um

sentido de acordo com suas escolhas e esta eleição implica no que ele faz de si frente às situações nas quais está enredado. Sendo assim, a consciência constrói o sentido, redesenha o mundo com seus traços e cria um valor, coloca este posicionado em um mundo por meio de sua intenção para atingir um fim. Esta eleição é por si só um ato, pois na medida em que o homem escolhe, afirma no mundo como o homem deve ser, tal é sua responsabilidade¹.

A visão comum da liberdade, porém, muitas vezes está associada a um ideal de mundo sem barreiras e responsabilidades. Sartre coloca em cena este desejo ao dramatizar, no roteiro de filme *Os dados estão lançados*, uma suposta “vida após a morte” aonde os mortos vagam pelo mundo dos vivos sem poder agir. Diante disso, exclama um deles: “os mortos são livres”, mas os personagens principais “recém-chegados” não conseguem se acostumar a apenas assistir o mundo. O personagem Pedro, operário que planejou uma revolução e que depois de morto vê que haverá um boicote ao levante, se angustia frente a “inutilidade de seus esforços e por isso sofre pela primeira vez” (SARTRE,1972,p.38). Ele exclama ao velho morto:

- é uma boa porcaria isto de estar morto!
- sim..., mas há, apesar de tudo, pequenas compensações.
- vê-se que não é uma pessoa exigente!
- Nenhuma responsabilidades. Nada de preocupações materiais.Uma liberdade absoluta. Distrações a escolha (p.55).

Esta liberdade sem compromissos é também expressa pelo personagem Mathieu da trilogia *Os Caminhos da liberdade*. Porém, logo de início, Mathieu começa a se dar conta que sua tão preciosa e conservada liberdade revelava-se vazia e estéril. Desta forma, Sartre já nos dá indícios de um sentido ético na elaboração do personagem, onde podemos perceber, no desenvolvimento da trama, que o filósofo expressa sua visão de que “a práxis libertadora ocorre no espaço da história e não no da consciência”, como afirma Cassiano Reimão (2005, p.372). Mas Mathieu sentia que precisava conservar sua liberdade e não permitia amarrar-se a nada, diante disso, ele passa a se ver como os outros o vêem:

É assim que eles me vêem? [...] o homem que quer ser livre. Come, bebe, como qualquer outro, é funcionário, não faz política, lê L’Oeuvre e Le Populaire e está em dificuldades

¹ “[...] escolhendo-me, escolho o homem” (SARTRE, 1987. p.7)

financeiras. Mas quer ser livre, como os outros desejam uma coleção de selos. A liberdade é seu jardim secreto. Sua pequena convivência consigo mesmo. Um sujeito preguiçoso e frio, algo quimérico, razoável no fundo, que malandramente construiu para si próprio uma felicidade medíocre e sólida, feita de inércia, e que ele justifica de quando em vez mediante reflexões elevadas. Não é isso que sou?(SARTRE, 2005a, p.19).

Esta reflexão de Mathieu parece nos remeter à própria vida de Sartre que, após ser empurrado pela guerra, transformou sua noção de liberdade visando um forte comprometimento social. Uma liberdade que se quer livre deve se comprometer com a ação e a liberdade “protegida” de Mathieu é uma liberdade alienada, em cima do muro, onde qualquer comprometimento torna-se um perigo frente a sua conservação. Assim, através das situações “vivas” por este personagem, Sartre (2004) coloca em cena o tema da moral e transmite sua visão da literatura, que segundo o filósofo, é engajada pois está comprometida com o mundo que busca criar. A ação transformadora, que está presente neste empreendimento moral, combate justamente a positividade da atitude de “conservar” observada em Mathieu; uma ética da ação baseia-se justamente no caráter nadificador da consciência, mas a “preservação” busca suprimir este modo de ser. Diz Sartre (2002):

O homem, dizem, não inventa; descobre. Reduz-se o novo ao antigo. Conservar, manter, restaurar, reformar, preservar – essas são as ações permitidas; todas pertencem à categoria da repetição. Tudo está pleno, tudo está em seu lugar, tudo está em ordem, tudo sempre existiu, o mundo é um museu e nós somos os conservadores (p.35).

A inquietação e a instabilidade que nos colocam sempre em perigo quando nos deparamos com nossa falta de ser, podem nos tentar a permanecer no campo da repetição, mas não há como fugir da liberdade já que estamos condenados; a ação, portanto, deve reassumir seu caráter de transformação. Segundo Contreras (1995, p.36), Sartre utiliza conceitos de Marx para fundamentar sua necessidade de compromisso, por isso adota o termo *práxis* para diferenciar a ação que visa uma transformação no mundo da pura prática que pode ser uma atividade repetitiva. A ação transformadora, expressão da liberdade, caracteriza-se por uma revolução permanente, uma totalização-em-curso que busca se totalizar sem nunca se alcançar. Para construir, precisa-se em parte destruir, nadificar aquilo *que é* em nome daquilo *que não é*, ou seja, inventar e criar. O homem cria a si mesmo na medida em que age, nada existe *a priori*, ou potencialmente, o homem é o que

manifesta: “Por que atribuir a Racine a possibilidade de escrever uma outra tragédia se, justamente, ele não o fez?” (SARTRE, 1987, p.13). Mas a liberdade não é reconhecida sem uma parcela de angústia, pois, como ressalta Silva (2004) : “a experiência da liberdade absoluta é a experiência da fragilidade absoluta” (p.143); percebemos que somos nós o fundamento de nossa escolha ao mesmo tempo em que o que somos não é nada senão um constante e desejado vir-a-ser. Este projeto nos remete a um empreendimento ético, pois a atividade transformadora do homem faz com que surja a realização da moral “onde o homem alcança sua própria essência utilizando a história como instrumento” (REIMÃO, 2005, p.371), estabelecendo-se portanto como produto-produtor do mundo. A angústia se dá justamente em perceber que toda a lógica, a moral, os costumes, os valores, tem sua origem nessas criaturas incertas que somos, expõe-nos à uma liberdade absurda e nos deixa desamparados e injustificados, mostra-nos que o mundo não é dado e está por fazer².

Diante dessa constatação o homem pode aceitar sua condição, o que seria uma atitude autêntica na ótica de Sartre, saber que deve procurar ser sem nunca se encontrar, ou melhor, se identificar totalmente com nada. O que Sartre caracterizou como “paixão inútil” é a condição humana de ser este projeto de ser Deus³, no sentido de desejar ter todas as características da consciência e a permanência e solidez dos objetos. O interessante em Mathieu é que ele escolhe apartar-se do mundo em nome de sua liberdade, de modo que ele não exerce o seu poder de ação, ele mantém uma liberdade idealista, de má-fé, pois mesmo a liberdade pode se tornar um valor petrificado. Na medida em que o homem escolhe um sistema de valores rígido ele condiciona todas as suas ações a este, tornando-se exterior a si mesmo, perde o caráter inventivo da ação e torna-se um simples repetidor do passado. Este movimento tem relação direta com o futuro e o campo das possibilidades, pois o homem entendido enquanto projeto está sempre em direção a si, projetando-se no futuro. Logo, quando a ação humana transforma a norma em imperativo⁴ ela resulta numa “prática-inerte”, mas quando as ações se baseiam na liberdade, através do homem enquanto agente ético, assumem sua relação incondicional com as possibilidades. Neste “percurso” reconhece-se o futuro puro e imprevisível, não determinado pelo passado, mas um futuro

² Simone de Beauvoir desenvolve este argumento ao discorrer sobre o momento em que o homem “descobre sua subjetividade”, geralmente vivenciado na adolescência. (BEAUVOIR, 2005. p. 38).

³ “A realidade humana é puro empenho para fazer-se Deus” (SARTRE, 2005d. p.704).

⁴ As normas são a base de toda a moral, quando a norma se transforma em um sistema de possibilidades condicionadas, passam a ser imperativo. Ver: REIMÃO, 2005, Cap. IV.

por fazer - aqui a ação reconhece seu caráter inventivo de criar o presente por conta futuro, o presente passa a ser uma “unidade sintética de um campo de ação”⁵ e o homem se reconhece enquanto interioridade. Parece que Mathieu só conseguiu se dar conta de seu projeto de má-fé e realizar-se enquanto liberdade quando viu seu futuro prestes a ser arrancado pela aproximação dos Alemães no fim da guerra em *Com a morte na alma*:

15 minutos!, pensou com raiva, daria tudo para agüentar 15 minutos! [...] Aproximou-se do parapeito e pôs-se a atirar de pé. Era um enorme revide: cada tiro vingava-o de um antigo escrúpulo. Um tiro em Lola, que não ousei roubar, um tiro em Marcelle, que deveria ter largado, um tiro em Odette, que não quis comer. Este para os livros que não ousei escrever, este para as viagens que recusei [...] Atirava, e as leis voavam para o ar, amarás o teu próximo como a ti mesmo, pam! nesse safado, não matarás, pam! nesse hipócrita aí da frente. Atirava no homem, na Virtude, no Mundo: a liberdade é o Terror. [...] A Beleza deu um mergulho obsceno e Mathieu atirou de novo. Atirou: era puro, todo-poderoso, livre (SARTRE, 2005b, p.246).

Como julgar o que apareceu como verdade a Mathieu? E se for justamente no momento em que abandonou suas verdades que ele se se inventou finalmente? O homem constrói suas verdades e, segundo Sartre (1990), estas nascem e morrem com ele, são, portanto, relativas à sua época e sua situação. As verdades não devem nunca perder sua fonte na dúvida, o homem que busca a verdade é o próprio homem que coloca a si em questão, e se ele já não o faz é porque ele escolheu para si um “Eu” fixo que deve ser reforçado a todo o momento pelo mesmo sistema de valores condicionado. Ele torna sua verdade uma verdade morta, como diz Sartre (1990, p.33), um fato em si como “a terra gira” e isto se torna uma lei; ele perde as novas significações que ocorrem a cada desvelamento do ser, ou seja, a cada momento em que o Para-si arranca o ser de sua “noite” e o faz existir através da luz de sua subjetividade. Ele identifica-se com o objeto a ponto de dissimular para si mesmo a sua própria subjetividade - uma atitude que, segundo Beauvoir (2005), foi descrita por Hegel como um “colocar-se como inessencial frente a um objeto essencial” (p.43), e desta maneira a Coisa aparece como a Causa de si, diz Sartre (1990): “Mas porque se articulou tanto tempo com o Eterno, o homem preferiu as verdades mortas às verdades vivas e fez uma teoria da Verdade que é uma teoria da morte” (p.33).

⁵ “Não é o conhecimento do futuro através do presente, mas do presente através do futuro. E imediatamente, o presente assume a unidade sintética de um campo de ação”.(SARTRE, 1982, p.38).

Tudo isso nos leva novamente ao terreno da ética, visto que o homem é responsável pelo que faz de si e do mundo. As questões colocadas para o homem que age no mundo são as possíveis de seu tempo, e por isso, a época em que vive se torna a época *dele*, o que o faz responsável por ela. Nos tempos de guerra isto se mostrava evidente e necessário, como afirmou Sartre (2004): “a irreversibilidade do nosso tempo só pertencia a nós; era preciso salvar-nos ou perder-nos, às apalpadelas, nesse tempo, irreversível” (p.166)⁶. Deste modo, a consciência e a história se interpenetrem através do sentido buscado pela ação humana, o que resulta em um agir ético. Sendo assim, tanto na reflexão filosófica como na expressão literária, Sartre mantém a mesma postura em não aceitar uma análise *a distancia* do mundo, ou seja, refuta, como Marx, a pura contemplação filosófica e também a visão onisciente da “literatura de sobrevôo” cujo papel é apenas narrar uma história já feita (SILVA, 2004, p.22). A literatura na perspectiva de nosso autor deve mostrar o problema de uma consciência que a cada momento se confronta com o mundo na sua relação com outras consciências, com as coisas e consigo mesma. Devido a isso, Sartre busca uma construção de personagens que possam despertar um eterno questionamento em seus leitores, que possam gerar incertezas, expectativas e um “reposicionar-se” constante diante destes: “se mergulharmos o leitor, sem mediação, numa consciência, se lhe recusarmos todos os meios de sobrevoá-la, então será preciso impor-lhe, sem atalhos, o tempo dessa consciência” (SARTRE, 2004, p.228)⁷.

A obra literária é a representação imaginária da realidade, representa o real pela negação (SILVA, 2004, p.20), o autor precisa inventar os homens que a compõe e permitir que estes se inventem ao longo do texto, pois acredita que o leitor, que também é liberdade, tem no mundo sua criação particular. Por isso Sartre (2004) denominou a literatura como um apelo à liberdade do leitor - este ponto talvez expresse a ética que permeia todo o trabalho de Sartre no que diz respeito a um apelo a liberdade, a transformação. A intenção de sua filosofia e literatura é provocar a realidade humana para que esta coloque a si própria em questão e se assuma enquanto consciência de uma realidade histórica. Desta forma, estas se tornam um veículo de apelo a desalienação coletiva e individual, ressaltando o poder da ação pela sua própria expressão.

⁶ Sartre se refere ao momento da Segunda Guerra Mundial.

⁷ A citação encontra-se na nota número 11.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, S. **Por uma moral da ambigüidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BORNHEIM, G. **Sartre**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CAMPBELL, R. **Jean-paul Sartre: o una literatura filosofica**. Buenos Aires: Argos, 1949.

CONTRERAS, J M. La ficción literaria como instrumento de la ética. **Anthropos Revista de Documentación Científica de La Cultura: Jean-Paul Sartre filosofía e literatura: un compomiso crítico e intelectual**, Barcelona, n. 165, p.34-45, fev-abr, 1995.

SILVA, F. L. **Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios**. São Paulo: Unesp, 2004. 4 v.

SARTRE, J-P. **O Existencialismo é um humanismo**. In:___ Col. Os Pensadores. Nova Cultura, São Paulo, 1987.

_____. **Os dados estão lançados**. Lisboa: Editorial Presença, 1972.

_____. Determinação e liberdade. In: VOPE, G. D. et al. **Moral e sociedade: um debate**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 33-45.

_____. **Verdade e existência**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. **Saint Genet: ator e mártir**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Que é a literatura?** 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

_____. **A idade da razão**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005a.

_____. **Com a morte na alma**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005b.

_____. Intimidade. In: **O muro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005c. p. 85-123.

_____. **O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2005d.

REIMÃO, C. **Consciência, Dialética e Ética em J.-P. Sartre**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.